

AS IMPLICAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS LINGUÍSTICOS À GENITÁLIA DE SEUS FALANTES: PROBLEMATIZANDO A METODOLOGIA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA COM FOCO NA VARIÁVEL “SEXO”.

Deivid Luiz de Souza Ferraz;
Dorothy Bezerra Silva de Brito

Universidade Federal Rural de Pernambuco
deivferraz@gmail.com
dorothybsb@outlook.com

Resumo: O presente trabalho objetiva problematizar o “sexo” enquanto uma variável utilizada em trabalhos que analisam o comportamento linguístico, realizados com base na Sociolinguística (variacionista). Estes estudos são realizados desde o surgimento da disciplina recém citada até os dias atuais, desconsiderando o fato de que a identidade de gênero do falante nada tem a ver com o seu sexo biológico. Este trabalho faz parte do projeto “A língua na diversidade: um estudo sociolinguístico de gays pernambucanos”, que procura observar a diversidade linguística em comunidades formadas pelas consideradas “minorias”, como a comunidade homossexual, por exemplo, cuja descrição dos usos linguísticos não é contemplada nos estudos sociolinguísticos. Fruto desse projeto, a presente pesquisa pretende apontar diversas problemáticas que surgem dentro de alguns estudos sociolinguísticos variacionistas, a partir do movimento de resumir os comportamentos linguísticos dos seres humanos, até certo ponto, à sua genitália. Espera-se contribuir para a construção do estudo sobre a heterogeneidade dos usos da língua por uma parcela de falantes do Português a priori excluída dos estudos tradicionais na linguística, abrangendo comunidades de fala antes marginalizadas e que, a nosso ver, refletem também uma realidade linguística no Brasil, partindo de sua diversidade.

Sociolinguística. Gênero. Identidade de gênero. Sexo.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva problematizar o “sexo” enquanto uma variável utilizada em trabalhos que analisam o comportamento linguístico, realizados com base na Sociolinguística (Variacionista). Esses trabalhos são realizados desde o surgimento da disciplina recém citada, na década de 60 (LABOV 1964a), até os dias atuais (PINTO 2018), desconsiderando o fato de que a identidade de gênero do falante nada tem a ver com o seu sexo biológico. Além de que, mesmo que se utilize do termo “gênero” em substituição ao termo “sexo”, muitas vezes os atuais trabalhos sociolinguísticos ainda seguem uma lógica heteronormativa e binária, entendendo os traços de fala considerados masculinos como pertencentes aos indivíduos que se entendem enquanto homem, e traços femininos como ligados às mulheres.

Dessa forma, muitas vezes, ignora-se traços e comportamentos entendidos enquanto “femininos” realizados por homens, e traços ditos “masculinos” que muitas vezes são realizados por mulheres – sejam eles ou elas heterossexuais ou não, cisgêneros ou transgêneros.

O presente trabalho é fruto do projeto “A língua na diversidade: um estudo sociolinguístico de gays pernambucanos”, que procura observar a diversidade linguística em comunidades formadas pelas consideradas “minorias”, como a comunidade homossexual, por exemplo, cuja descrição dos usos linguísticos não é contemplada nos estudos sociolinguísticos.

Inicialmente, trataremos da Sociolinguística e mais especificamente da Sociolinguística Variacionista, entendendo melhor o que ela busca compreender e qual a metodologia que ela defende para o estudo do seu objeto. Logo depois, vamos explorar a problemática por trás da variável “sexo”, apresentando a sua concepção equivocada presente nos trabalhos iniciais da sociolinguística, e que ainda continua presente em trabalhos atuais, principalmente nos estudos da primeira onda sociolinguística. Por fim, dissertaremos a respeito das implicações de se compreender a expressividade dos falantes diante de uma lógica não-binária cisnormativa.

Acrescentamos, de antemão, a informação de que o termo “falante” é utilizado para nomear aquele(s) que oferecem sua fala para os estudos sociolinguísticos. Utilizaremos este conceito para explicar algumas questões mais adiante.

A SOCIOLINGUÍSTICA (VARIACIONISTA)

A Sociolinguística é uma ciência interdisciplinar e autônoma que teve início em meados do século XX (TARALLO, 2010). Ela estuda a língua falada, associando e concatenando fatores linguísticos e sociais, buscando entender o motivo de determinados usos e comportamentos linguísticos dentro de uma determinada comunidade de fala.

Embora não seja o primeiro sociolinguista a surgir no cenário de investigação linguística, William Labov é considerado o iniciador desse modelo teórico-metodológico. O modelo proposto por Labov foi introduzido como uma reação ao modelo geracionista (Linguística Gerativa) que não levava em consideração a influência de fatores sociais nas línguas. William Labov insistiu na relação entre a sociedade e a língua e na

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

possibilidade de sistematizar a variação existente e própria da língua falada (TARALLO, 2010).

Segundo Mollica (2008, p. 9) a Sociolinguística é:

[...] uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

São muitas as áreas de interesse da Sociolinguística: contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança etc. Todos estes são temas de investigação da área (MOLLICA, 2008).

A sociolinguística e, em especial, a sociolinguística variacionista, entende que existe um dinamismo inerente em todas as línguas, o que significa dizer que elas são heterogêneas. O conceito de variacionismo surge com William Labov (1964a), e recebe este nome por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados (TARALLO, 2010).

Para esta subárea da Linguística, encontram-se formas distintas de se expressar, nas diversas línguas presentes no mundo, que se equivalem nos diversos níveis de estudo da língua: léxico, sintático e morfossintático, fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo. Como exemplo, podemos citar as formas “tu” e “você” (MOLLICA, 2008). Neste caso, tu e você são entendidas enquanto “variantes”, que constituirão uma “variação linguística”.

Mollica (2008, p. 9-10) afirma que:

A sociolinguística [variacionista] considera como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais.

O uso mais intenso de uma variante em decorrência da outra procede do condicionamento das variantes por fatores externos (não linguísticos) e internos (linguísticos). Como exemplo de fatores externos temos as variáveis faixa etária, classe social, escolaridade, etc.

Ainda de acordo com Mollica (2008, p. 11):

No conjunto variáveis externas a língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva).

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

Esta citação explica um dos principais pressupostos da sociolinguística que é o da influência de fatores externos à língua na fala dos indivíduos. É através desse pressuposto que iniciamos a problematização proposta neste trabalho, já que sexo não deve ser encarado enquanto variável social – sendo esse um termo para designar uma característica biológica, como veremos a seguir.

SEXO - INERENTE AO INDIVÍDUO (?)

Após entendermos o funcionamento da Sociolinguística (Variacionista), podemos revisitar o trecho supra-destacado, com o objetivo de problematizar uma das premissas da Sociolinguística Variacionista ao tratar dos fatores externos condicionantes.

Reproduzindo novamente a citação de Mollica (2008, p. 11):

“No conjunto variáveis externas a língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva)”.

É importante destacar estes termos, levando em consideração a conexão que a autora faz entre fatores “inerentes ao indivíduo”, colocando o sexo dentro deste quesito. A variável entendida como “sexo” vem sendo estudada pelos sociolinguistas desde os primeiros estudos de Labov (1964a).

Como indicado por Mollica (2008), o sexo era/é entendido como variável extralinguística. O equívoco acontece devido à forma única como o sexo veio sendo entendido pela sociedade, até poucos anos atrás.

Segundo Louro (2004), citada por SOUZA & CARRIERI (2010, p. 54), até pouquíssimos anos entendia-se que o sexo era “natural”, compreendido enquanto algo “dado”. Sendo assim, o sexo existiria antes da inteligibilidade, ou seja, seria pré-discursivo, anterior à cultura. Sexo, gênero e sexualidade eram todos definidos a partir da genitália dos indivíduos, logo, todas essas questões seriam definidas a partir do que havia sido apresentado biologicamente, não sendo nenhum destes pontos encarados como um constructo social.

Em vista disso, entende-se que as formas de se expressar gestualmente, além do modo de falar e, no geral, os traços de personalidade, seriam definidos e resumidos à genitália dos indivíduos, seguindo uma paleta limitada de cores que poderiam ser utilizadas por humanos machos, e outra paleta limitada por humanos fêmeas. Os indivíduos humanos machos seguiriam um determinado tipo de

comportamento e os indivíduos humanos fêmeas seguiriam um outro tipo de comportamento, sempre em uma lógica de opostos, e, muitas vezes, encarados enquanto opostos complementares.

Quanto ao comportamento linguístico, com base na lógica supracitada, entendia-se que a fala das mulheres seria sempre dotada de características como “conservadorismo, consciência de prestígio, mobilidade ascendente, insegurança, deferência, encorajamento, expressividade emotiva, afiliação, sensibilidade [...], solidariedade” (ECKERT & MCCONELL-GINET, 1992, p. 95).

Já características como “dureza, falta de afeto, competitividade, independência, competência, hierarquia, controle [...]” (ECKERT & MCCONELL-GINET, 1992, p.95), eram características atribuídas à fala de homens.

Levando em consideração o que foi dito anteriormente a respeito do sexo, entende-se que as características recém citadas estariam associadas à biologia dos seus falantes. Ou seja, a forma de se expressar (e porque não de se comportar?) estaria associada à genitália desses, juntamente com o restante das características biológicas do corpo de macho/fêmea que gerou a fala a ser estudada.

Desta forma, é lícito afirmar que a Sociolinguística encontra(va)-se atrasada neste ponto, levando em consideração que “não se nasce mulher, mas torna-se” (é bom citar a Simone de Beauvoir). Ou seja, o gênero (ser homem / ser mulher / ser não-binário / gênero neutro, etc), trata-se de uma construção social. (SOUZA & CARRIERI, 2010).

Logo, o gênero deve ser entendido como um traço da identidade do falante, e é a identidade de um falante que deve contar diante da análise de sua fala, e não a sua genitália/seu sexo biológico.

Posteriormente ocorreu uma diferenciação entre sexo, que passou a significar biologicamente definido, e gênero, que foi (re)significado passando a ser utilizado como algo sociologicamente construído por meio dos processos de socialização. Assim, gênero atingiu um novo significado, afastando-se de um conceito biológico e aproximando-se de uma abordagem sociológica. (SOUZA & CARRIERI, 2010, p. 58)

É importante não esquecermos de pôr em questão, contudo, que, embora muitos pesquisadores sociolinguistas descrevam hoje a variável enquanto gênero e não sexo, a lógica binária cisnormativa (homem-macho/mulher-fêmea) continua sendo explorada. Prova disso é a pouquíssima produção de trabalhos sociolinguísticos que apresentem falantes transexuais ou

de gênero não binário (gênero neutro, agênero, etc).

Obviamente, mesmo diante de toda a discussão, não se deve esquecer de que o sexo do falante pode ser um fator de grande relevância em uma análise linguística, mas que não pode ser entendida de forma essencialista. Ao se entender o indivíduo enquanto (futuro) homem ou futura (mulher), com base em seu corpo biológico, os pais, parentes e amigos do bebê acabam imprimindo neste sujeito expectativas diante de seu comportamento em sociedade, que serão expressos desde na forma como irão decorar o quarto desta criança, até nas formas de tratamento no aumentativo (quando macho) ou diminutivo (quando fêmea). Como Kira Hall (1977, p.122) afirma,

Gênero, então, é tido como performativo porque, como ocorre com a clássica elocução “É uma menina”, elocuições de gênero não são nunca meramente descritivas, mas prescritivas, exigindo que a endereçada aja de acordo com as normas vinculadas a gênero e, além disso, que crie um gênero apropriado em cada ato culturalmente percebido que ela realizar, desde a maneira como penteia seu cabelo até a maneira como caminha, fala ou sorri.

Portanto, compreende-se que a forma como o sujeito é entendido desde o seu nascimento também influencia/influenciará, em grande medida, na sua expressividade; mesmo que o indivíduo macho/fêmea não se identifique como homem/mulher, respectivamente.

No tópico a seguir, dissertaremos a respeito das implicações de se compreender a expressividade dos falantes diante de uma lógica não-binária cisnormativa.

AS IMPLICAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS LINGUÍSTICOS À GENITÁLIA DE SEUS FALANTES

Como visto, ao se entender a construção da identidade dos seres humanos diante de definições que limitam os seus comportamentos - ou a interpretação dos seus comportamentos - , imprimimos expectativas nestes com relação a sua performance ao longo da vida, com base em estereótipos. Deste modo, as expectativas e os estereótipos podem vir a causar diversas dificuldades no momento em que se analisa o comportamento linguístico dos falantes selecionados para a pesquisa sociolinguística.

Antes de prosseguir, é interessante apontar que os estudos que dão base às críticas a seguir estão relacionados à terceira onda sociolinguística enquanto que os estudos criticados

são estudos que seguem as características da primeira onda de estudos sociolinguísticos.

Assim, em seu trabalho “Desempenhando identidade de gênero: Conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual”, Cameron (1998) - pesquisadora associada à terceira onda -, ao revisitar o trabalho de um de seus orientandos (homem cis heterossexual) que estudou a fala de outros homens cis heterossexuais, percebe que esse havia deixado de lado um dado importante: a fofoca entre homens heterossexuais.

A autora afirma que este apagamento de um dado tão importante pode ter acontecido por diversos motivos, entre eles, as ideias congeladas de gênero que teriam dificultado a identificação do dado pelo orientando de Cameron. Aqui, a ideia seria algo como: “homens não fofocam, apenas mulheres o fazem”.

Neste caso, reconhecemos uma grande problemática que afetou a análise de seu orientando. A generalização do comportamento decorrente de traços biológicos de homens e mulheres, ou, a intenção do autor de manter esta generalização de comportamentos (o que é uma possibilidade impressa no texto da autora), provocou a não observação de um dado bastante relevante que é a fofoca entre os homens.

O grande problema para a pesquisa sociolinguística, como apresenta Eckert & Mcgonell Ginet (1992), dentro do que vem sendo colocado até então, neste trabalho, é a generalização dos dados obtidos, que raramente é percebida como simples relatos estatísticos. Além disso, as pesquisadoras (ainda se utilizando de uma lógica binária) indicam que as descrições dos comportamentos linguísticos de homens e mulheres sem marcadores explícitos de generalização (como “a maioria”, por exemplo) é demasiado estranha.

Trouxemos, abaixo, algumas citações retiradas de trabalhos de importantes autores dentro da sociolinguística brasileira, que trazem estas generalizações e o conceito de sexo como variável não construída socialmente.

A primeira citação foi retirada de um trabalho de LUCCHESI & ARAÚJO (2018) que ainda apresenta “sexo” enquanto uma variável, e não uma característica biológica: “As pesquisas sociolinguísticas tem buscado traçar um perfil da mudança em progresso e um perfil da variação estável através da combinação dos resultados das variáveis idade, sexo, classe social e nível de escolaridade” (LUCCHESI & ARAUJO, 2018).

Aqui, percebemos explicitamente que “sexo” é indicado como variável, revelando a ideia dos autores de que sexo e gênero estariam atrelados.

A próxima citação foi retirada do artigo “A Variável Sexo/Gênero e o Uso de Tu/Você no Sul do Brasil”, escrito por Franceschini & Loregian-Penkhal, e traz uma citação indireta do livro Padrões Sociolinguísticos, de William Labov.

Segundo Labov (2008, p. 346), comportamento semelhante pode ser verificado na evolução do inglês da cidade de Nova York, onde o padrão de diferença entre os sexos seria ainda mais notável. [...] Também em seu estudo de 1966, sobre a pronúncia retroflexa do [r] no inglês de Nova York, Labov constatou que a forma inovadora e de maior prestígio era mais frequente na fala das mulheres do que na fala dos homens”. - (FRANCESCHINI & LOREGIAN-PENKAL, 2015, p. 187)

Ainda no mesmo trabalho encontramos um outro trecho que traz “sexo” enquanto termo alternativo ou sinônimo para gênero, obviamente, ainda encarando sexo como um fator social e adstrito ao indivíduo.

Assim, os resultados do fator sexo/gênero, obtidos a partir de diversos estudos realizados no Brasil ou em outros países, têm mostrado que, geralmente, esse fator apresenta um padrão bastante regular, com uma maior preferência do sexo feminino pelas variantes de prestígio [...] (FRANCESCHINI & LOREGIAN-PENKAL, 2015, p. 188).

Além dessas citações, retiradas de trabalhos de autores experientes na área da sociolinguística, trouxemos para o nosso trabalho um trecho retirado de um trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade do Estado do Amazonas, defendido em 2018, que indica o amadurecimento lento nos cursos de ensino superior da compreensão de gênero enquanto um fator social, e sexo enquanto um conjunto de características funcionais e estruturais do corpo biológico dos indivíduos. O trabalho não apresenta nenhuma discussão a respeito dos termos sexo e gênero, e os coloca lado a lado (“gênero/sexo”, seguindo a mesma lógica do último excerto aqui destacado.

“No que concerne à variável sexo, nas situações de variação estável, as mulheres tendem a ser mais sensíveis ao uso das formas de prestígio, o que pode ser aferido numa escala de níveis de formalidade da fala”. (PINTO, 2018, p. 23)

No trecho acima, percebe-se aquilo que foi indicado por Eckert e McGonell Ginet (1992): a generalização dos dados. Não são a maioria das mulheres, mas são “as mulheres”, todas elas. Mais à frente, o autor se utiliza da estrutura “homens”, para tratar da maioria dos homens pertencentes ao universo pesquisado.

Saindo dos exemplos e voltando à discussão proposta no início deste tópico, destacamos outro ponto criticado pelas autoras (ECKERT & MCCONELL-GINET, 1992) citadas acima : a construção de feminilidade e masculinidade, que colocam os sujeitos que se identificam como homem, mas com comportamentos mais femininos, ou

mulheres, com comportamentos mais masculinos - diante do que os pesquisadores entendem como feminino e masculino, fruto da construção disto realizada em sociedade -, enquanto sujeitos excepcionais a estas categorias, por serem desviantes dos modelos normativos (ECKERT & MCGONELL GINET, 1992).

Por fim, indicamos outra problemática relacionada ao que tratamos até então, que é a percepção e construção local do gênero (ECKERT & MCGONELL GINET, 1992). Este último ponto aqui apresentado exige uma discussão maior que extrapola o escopo deste artigo, e por isso não será explorado, por hora.

CONCLUSÃO

De acordo com o que foi apresentado, podemos concluir que a Sociolinguística, enquanto ciência humana, não deve deixar de lado as discussões referentes à gênero que ocorrem na academia. Dessa forma, os trabalhos sociolinguísticos não devem prender-se à generalizações e crenças quanto a fala das pessoas, passando a entender que o gênero faz parte da identidade dos falantes e, logo, trata-se de uma construção histórica, social e política.

A partir deste entendimento, o fazer científico não será prejudicado por conceitos prévios e crenças, passando assim, na verdade, a questioná-los e até refutá-los, quando necessário.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Silvana & LUCCHESI, Dante. **A Teoria da Variação Linguística**. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>> Acesso em: 05 de junho de 2018.

CAMERON, Deborah. Desempenhando identidade de gênero: Conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual. In: OSTERMANN, Ana Cristina e FONTANA, Beatriz. Linguagem. Gênero. Sexualidade. Clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SOUZA, Eloisio Moulin de; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. Revista de Administração Mackenzie (Mackenzie Management Review), v. 11, n. 3, 2010.

ECKERT, Penelope & MCCONNELL-GINET, Sally. Comunidades de prática: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, Ana Cristina e FONTANA, Beatriz. Linguagem. Gênero. Sexualidade. Clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 93-108.

FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. A variável sexo/gênero e o uso de tu/você no sul do

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

Brasil. Signum: Estudos da Linguagem, v. 18, n. 1, p. 182-205, 2015.

HALL, Kira. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística. In: OSTERMANN, Ana Cristina e FONTANA, Beatriz. Linguagem. Gênero. Sexualidade. Clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 109-127.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. **Phonological correlates of social stratification.** American Anthropologist, v. 66, n. 6 PART2, p. 164-176, 1964.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria L. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Erick Marcondes. Aspectos sociolinguísticos da palatização de /S/, /D/, /T/ e /L/ do português brasileiro. Repositório Institucional UEA, 2018.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática, 2007.

VELOSO, Rafaela. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de prática. In: Anais do XVII Congresso Internacional Asociación De Lingüística Y Filología De América Latina. 2014. p. 1740-1749.

Deivid Luiz de Souza Ferraz;
Dorothy Bezerra Silva de Brito

Universidade Federal Rural de Pernambuco

deivferraz@gmail.com

dorothybsb@outlook.com